

Havíamos solicitado, ao Sr. Raul Pila, uma palavra sobre o discurso do General Lott na Bahia. Somente ontem o presidente do PL pôde ocupar-se do assunto, tendo feito a O GLOBO as seguintes declarações:

"Estranho país e ainda mais estranha democracia. Tudo parece fantástico: produzem-se os fatos sem nenhuma coerência, pelo menos aparente, e perdem as palavras todo sentido, como se atos e palavras fossem de fantasmas errados. Produziu-se tão estranha situação depois que o General Henrique Teixeira Lott surgiu inesperadamente na arena política, empunhando naturalmente as armas do seu cargo. Mais uma demonstração, e esta eloqüentíssima, de como são perigosas as improvisações na vida pública. Os políticos, os chamados políticos profissionais, têm ao menos uma vantagem: fazem gradualmente e quase sempre laboriosamente, a sua carreira e não surpreendem nem sequer enganam ninguém.

Na base, porém, deste regime fantástico, há uma dura realidade fundamental: o poder exercido pelo Ministro da Guerra e ao parecer sufragado pelos sindicatos, pela indústria, pelo Congresso Nacional, sem falar na Presidência da República, em cujo costado se enxertou.

Mas, se esta é a realidade, onde está a fantasmagoria? Nos atos e palavras com que se manifesta ou procura disfarçar-se a tremenda realidade. Ela não muda: mudam apenas as suas visagens.

Assim, surgiu como um movimento de defesa da Constituição, que ninguém atacara, ou pretendia sequer atacar, como demonstraram os fatos conseqüentes. E como se fez o "retôrno aos quadros constitucionais vigentes", assim pitorescamente denominado? Violando, quebrando a Constituição nas suas peças essenciais. Dois dos poderes do Estado deixaram de funcionar e o terceiro foi simplesmente destruído, pela sucessiva deposição de dois presidentes. Era um típico golpe de Estado desfechado pelo Ministro da Guerra. Pretendiam, porém, que visava defender, preservar a Constituição que no ato mesmo se violentava. Longe, pois, de ser revolucionário, era um ato conservador, que, no eufemístico impedimento, encontrava o instrumento adequado. Nem os que votaram poderiam acreditar nisto: mas era a explicação, era a doutrina com que se apresentava o golpe de Estado. E porque tal era a doutrina, a consequência necessária seria a posse do Sr. Juscelino Kubitschek. E, realizada esta sem a mínima dificuldade, terminado deveria estar o movimento de "retôrno aos quadros constitucionais vigentes".

Entretanto, o Ministro da Guerra, que o fôra de dois presidentes depostos, continuou a sê-lo do terceiro presidente. Nesta nova posição, descobriu êle, e acaba de proclamá-lo na Bahia, que havia sido o chefe de uma *revolução* vitoriosa, cujo desenvolvimento não pode naturalmente abandonar. Assim, não mais retôrno ou restauração, mas revolução. Não é de espantar que ao mesmo movimento sejam dadas pelo próprio autor duas significações contrárias? Não, porque o retôrno já deveria estar esgotado e a revolução pode ainda estar em marcha. Desta diferença deve estar bem advertido o Presidente da República.

Foi, pois, revolução o que houve em novembro — di-lo o seu principal autor. Mas, se foi revolução, deveria ter programa. Revolução sem programa não é revolução, é levante, desordem, subversão.

Ora, qual o programa desta revolução, que só agora por tal se proclama? Ninguém o conhece. Será a demagogia, a que se lançaram os chefes do movimento? Isto, porém, não seria revolução, nem sequer novidade: é simplesmente a continuidade da tremenda perversão democrática que há um quarto de século se estabeleceu no país. O que se fez não foi, nem poderia ser, uma revolução, embora o Ministro da Guerra dela se proclame chefe; não foi retôrno à legalidade supostamente ferida, como agora êle mesmo reconhece; não tendo sido nem uma coisa nem outra, só poderia ter sido um golpe de Estado, que não se esgotou, como seria lógico, com a posse do presidente constitucional. Êste é o fato fundamental a que o discurso da Bahia deu evidência solar e do qual não há de partir os homens responsáveis para decidir com acêrto".